



Aveiro tem condições para ser dos primeiros a sair da crise

Futuro da economia regional deve passar por inovar em sectores que o distrito já domina

— **JOÃO PAULO COSTA**
— joapaulo.costa@jn.pt

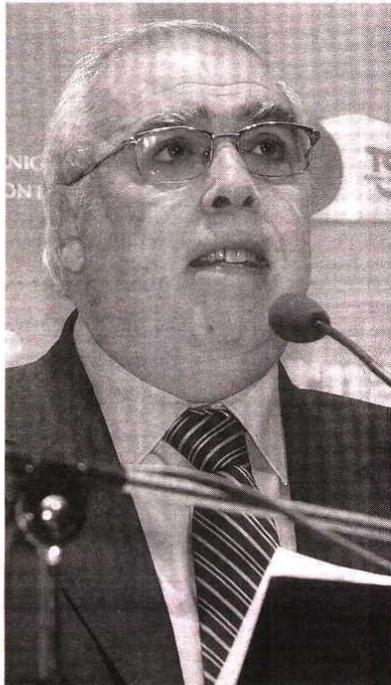
Pode um distrito quase sempre esquecido pelos governos vencer a crise? Não só pode, como pode ser dos primeiros a fazê-lo. A resposta foi dada, ontem, por deputados, economistas e administradores numa conferência sobre a economia regional de Aveiro.

"Aveiro precisa de fazer melhor o que sabe fazer, inovando com o apoio da Universidade para que do distrito saiam produtos de excelência como os sapatos que vemos à venda nas melhores lojas de Hong Kong ou a cerâmica que observamos no Metro de Moscovo". A frase, em resumo, traduz um caminho para o futuro do distrito de Aveiro traçado por Ângelo Correia, ontem, em Aveiro, na conferência "Portugal A Soma das Partes - As economias regionais como factor de desenvolvimento", realizada pela Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), em colaboração com o

Ângelo Correia acredita que o equilíbrio produtivo do distrito pode suplantar esquecimento do Estado

JN e a TSF. Ângelo Correia foi o orador escolhido para falar do passado, presente e futuro da economia de um distrito "pouco apoiado pelos governos". O resultado foi uma aula no Centro de Congressos.

O ex-ministro e deputado do PSD acredita que o distrito por onde várias vezes foi eleito tem condições para "ser dos primeiros a sair da crise", graças a uma competitividade formatada no equilíbrio produtivo do distrito, "que não é muito urbano, nem muito industrial, nem muito agrícola, mas que tem isto tudo". Correia pensa que, tal como na década de 60, em que Aveiro "aproveitou os incentivos económicos para ir longe nas indústrias de calçado ou papel", ou no pós 25 de Abril, "quando soube preencher o vazio empresarial deixado pelos grupos económicos destruídos nos processos de nacio-



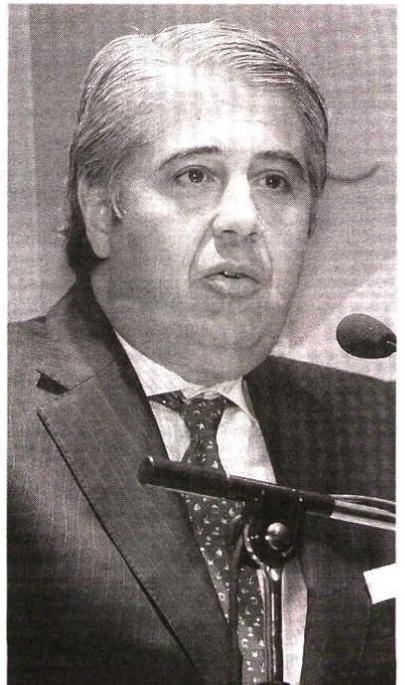
ÂNGELO CORREIA
ADMINISTRADOR DE EMPRESAS

"Aveiro precisa de fazer melhor o que já sabe fazer, inovando com o apoio da Universidade, para que do distrito continuem a sair produtos de excelência".



MANUEL ASSUNÇÃO
REITOR DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

"Chegámos a um ponto em que precisamos do apoio das empresas e das autarquias, seja através de encomendas de serviços ou de parcerias".



ANTÓNIO NOGUEIRA DE LEITE
ECONOMISTA

"Espero que sejam as empresas produtivas e os bons projectos públicos a terem acesso ao financiamento. Aveiro depende do que for decidido em Lisboa".

Número

300

PESSOAS assistiram, no Centro de Congressos de Aveiro, ao ciclo de Conferências "A Soma das Partes- As economias regionais como factor de desenvolvimento", uma iniciativa da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), em colaboração com a TSF e JN. As conferências da OTOC vão percorrer todas as capitais do distrito, para além da Madeira e dos Açores.

nalização", os empresários da região não criando novas empresas, como em 60 e 70, "devem apostar em fazer melhor o que já fazem bem, antecipando mercados e inovando com o apoio da excelente Universidade de Aveiro".

Universidade quer trabalho

A Universidade de Aveiro (UA) agradece o elogio - "temos o melhor rendimento científico per capita nacional" - e futuras encomendas, afirmou o reitor. Manuel Assunção lembrou que a UA perdeu 20% do apoio financeiro esta-

tal desde 2006. "Chegámos a um ponto em que precisamos de ajuda das empresas e das autarquias, seja através de encomendas de serviços ou de parcerias", assumiu o reitor, que defendeu "a continuidade da aposta da UA nos cursos tecnológicos que vão ao encontro das necessidades das empresas e dos empresários".

Este aspecto foi realçado por António Nogueira Leite. Falando a título individual e não como administrador da Caixa Geral de Depósitos, o economista aveirense criticou "os maus investimentos fei-

tos pelos últimos governos" e lembrou que, face à escassez de recursos, espera que "sejam as empresas produtivas e os bons projectos públicos a terem acesso ao financiamento". "Está na hora de tomar as decisões difíceis. A manta cada vez é mais curta para tapar todas as necessidades. O futuro de Aveiro depende do que em Lisboa for decidido", concluiu. Também Nogueira de Leite acredita que o distrito, até por ter economicamente algumas das características dos países emergentes, poderá ser dos primeiros a contornar a crise. ■



NÚMEROS

735
mil habitantes
tem o distrito
de Aveiro

19
MUNICÍPIOS
fazem parte do distrito de Aveiro. O concelho mais povoado é Santa Maria da Feira (147 mil), seguindo-se Aveiro (73 mil) e Oliveira de Azeméis (71 mil). O menos povoado é a Murtoza (9847).

2808
QUILÓMETROS QUADRADOS
tem o distrito de Aveiro, o 14.º maior distrito português.

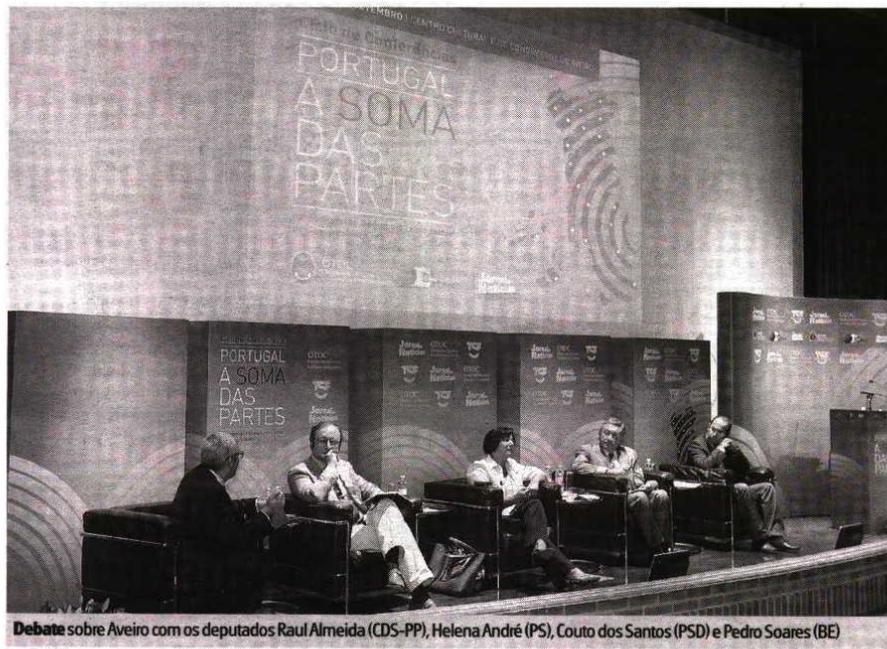
34 838
DESEMPREGADOS
tinha o distrito em Julho, ou seja, 9,4% da população activa. É o quinto distrito com mais desempregados. As mulheres continuam a ser mais afectadas: 20 498, 58,8% dos desempregados. Os desempregados de longa duração atingem 16 956 trabalhadores, 48,6%. O desemprego registado dos jovens com idade inferior a 34 anos, é de 11 054, 31,7%.

18 253
BENEFICIÁRIOS
no distrito recebiam prestações de desemprego em Agosto último, segundo o Centro Distrital de Segurança Social de Aveiro.

4551
FAMÍLIAS
no distrito recebiam Rendimento Social de Inserção (RSI) em Agosto.

7020
BENEFICIÁRIOS
com baixas processadas em Agosto no distrito de Aveiro, segundo a Segurança Social.

995,10
EUROS
é o ganho médio mensal na capital de distrito (Aveiro), superior à média nacional.



Debate sobre Aveiro com os deputados Raul Almeida (CDS-PP), Helena André (PS), Couto dos Santos (PSD) e Pedro Soares (BE)

Desemprego preocupa deputados

Fundos comunitários aproveitados em apenas 14,8%

— JOÃO PAULO COSTA
joaopaulo.costa@jn.pt

O desemprego, mesmo que abaixo da média nacional, e a precariedade das relações laborais são os problemas que mais afectam os deputados eleitos por Aveiro. O baixo aproveitamento dos fundos comunitários deve-se, dizem, a questões culturais e financeiras.

Couto dos Santos, o deputado que liderou a lista do PSD por Aveiro, questionou, ontem, a importância das Comissões de Coordenação de Desenvolvimento Regional (CCDR). "Não sei para que servem e no caso do distrito de Aveiro, dividido entre o Norte e o Centro, ainda menos. Seria muito mais eficaz a criação de um 'cluster' regional que reunisse interesses empresariais de Aveiro, Viseu e Leiria, por exemplo, para investir no mercado externo", afirmou num debate sobre "O valor e os valores da região", incluído na conferência da OTOC, e que juntou, também, Helena André (PS), Raul Almeida (CDS-PP) e Pedro Soares (BE), deputados eleitos por Aveiro.

O desemprego, apesar de no distrito (9,4%) se situar abaixo da mé-



"Autarcas têm de provar que não são criminosos"

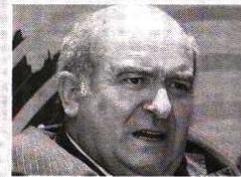
O presidente da Câmara de Aveiro, Élio Maia, aproveitou a sessão de encerramento da conferência para criticar os governantes que nos últimos anos têm retirado dinheiro e autonomia às autarquias. "Para além do constrangimento financeiro, há um excesso de produção legislativa, fazendo que 80% das decisões das Câmaras não sejam tomadas pelos eleitos mas pelo legislador", referiu Élio Maia. O edil de Aveiro lamentou ainda a desconfiança com que os autarcas são encarados. "Há dias tive de enviar um registo criminal para o Tribunal de Contas, ou seja, os autarcas têm de provar que não são criminosos", ironizou.

dia nacional (12,1%), foi apontado como o principal problema na região. A precariedade nas relações laborais (100 mil precários em 270 mil trabalhadores) foi analisada pela ex-ministra do Trabalho, Helena André, como um problema europeu. Pedro Soares lamentou que grandes empresas, "como a PT Inovação, sediada em Aveiro, tenha contratos precários".

O fraco aproveitamento dos fundos comunitários (14,8%), deve-se, segundo os deputados, a razões culturais, "os empresários aveirenses nunca estiveram à espera do apoio exterior, quer do Estado quer da Europa, têm um projecto e avançam", disse Couto dos Santos, mas também financeiras. Raul Almeida alertou para a necessidade de reduzir a comparticipação financeira nacional.

Questionados sobre o pouco peso político do distrito que leva, por exemplo, a que a região não tenha o reclamado hospital central, enquanto Coimbra, com menos 300 mil habitantes, tem dois, os deputados fugiram à pergunta. Parece que o distrito não está doente. ■

Flash



DOMINGUES AZEVEDO
BASTONÁRIO DA ORDEM DOS TÉCNICOS OFICIAIS DE CONTAS

Acredita que a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC) pode ajudar a encontrar caminhos favoráveis para Portugal pondo à mesa diferentes protagonistas.

"Queremos agitar as consciências"

O que pretende a OTOC com o ciclo de Conferências "A Soma das Partes"? Queremos agitar as consciências, buscar uma atitude diferente dos portugueses, quebrar o comodismo actual. A OTOC acredita que é possível através das agora designadas 'redes' captar sinergias, a tal "Soma das Partes". Numa altura em que o país vive uma crise provocada pelo aventureirismo dos governantes, os técnicos oficiais de contas têm uma palavra a dizer.

E vão afirmá-lo percorrendo o país? Exactamente. Já estivemos em Faro, agora foi em Aveiro, mas vamos ter iniciativas, com o apoio da TSF, do JN e do DN, em todas as capitais de distrito, não esquecendo a Madeira e os Açores.

Discutindo sempre as economias regionais?

As economias regionais são muitas vezes esquecidas, daí a importância e possibilidade de as discutir com representantes locais e nacionais que conheçam a realidade distrital.

De que forma vê o bastonário dos Técnicos de Contas a realidade económica de Aveiro?

Distritos como Aveiro reagem melhor em épocas de crise porque há uma predominância das pequenas e médias empresas, que têm uma flexibilidade e uma capacidade de adaptação muito maior a uma nova realidade. Em cidades como Setúbal, por exemplo, onde existem fundamentalmente grandes empresas, com mais despedimentos, por exemplo, é mais difícil contornar a crise.